

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM NA PARAÍBA: UMA VIAGEM AO PASSADO¹

THE INSTITUTIONALIZATION OF NURSING EDUCATION IN PARAIBA: A
TRIP INTO THE PAST

LA INSTITUCIONALIZACIÓN DE LA ENSEÑANZA DE ENFERMERÍA EN
PARAIBA: UN VIAJE AL PASADO

Estela Maria L. Meirelles Monteiro²

Lenilma Bento de A. Meneses³

Patrícia Serpa de Souza Batista⁴

Lenilde Duarte de Sá⁵

RESUMO: Este estudo objetivou resgatar o processo de institucionalização do ensino de Enfermagem na Paraíba. Devido à escassez de informações sobre o assunto, a construção deste estudo resulta de pesquisa em fontes primárias e secundárias apoiadas, principalmente, na história oral temática. Constatamos que a institucionalização do ensino de Enfermagem na Paraíba deu-se na década de 50, quando o modelo técnico-assistencial de saúde pública vigente era chamado de modelo médico-sanitário. Dentre os vários momentos significativos deste estudo, destacamos o da entrevista com a Sra. Doralice Kluppel, enfermeira integrante da equipe que atuou na estruturação da primeira Escola de Enfermagem da Paraíba, pois fez-nos desabrochar um sentimento de valorização e respeito ao trabalho desenvolvido pelas precursoras do ensino da enfermagem no Estado.

PALAVRAS-CHAVE: enfermagem de saúde pública, ensino de enfermagem, enfermagem na Paraíba

INTRODUÇÃO

Este estudo, embasado na técnica de história oral⁵, tem o propósito de resgatar o processo de institucionalização do ensino de Enfermagem na Paraíba, iniciado na década de 1950, concomitantemente com a vigência do modelo técnico-assistencial em saúde.

Na década de 50 as enfermeiras paraibanas Rosa de Paula Barbosa, Ana de Paula Barbosa, Irani Maciel e Doralice Kluppel participaram da implantação do ensino de Enfermagem na Paraíba. Das que presenciaram os acontecimentos, ainda vivem as duas últimas citadas. D.

¹ Prêmio Edith de Magalhães Fraenkel. 3º lugar, 52º CBEEn.

² Docente da FENSG- UPE. Enfermeira do Hospital Universitário Oswaldo Cruz PE e Mestranda em Enf. de Saúde Pública da UFPB.

³ Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba e Mestranda em Enf. de Saúde Pública da UFPB.

⁴ Docente da Universidade Federal da Paraíba e Mestranda em Enf. de Saúde Pública da UFPB.

⁵ Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP. Docente do DESSP da UFPB. Orientadora da disciplina Políticas de saúde do Mestrado em Enf. de Saúde Pública da UFPB.

⁵ Segundo MEIHY (1996, p.41), a história oral busca a verdade de quem presenciou um acontecimento, ou que pelo menos dele tem alguma versão que seja discutível ou contestatória.

Doralice Kluppel foi a única localizada.

D. Doralice Kluppel foi escolhida intencionalmente, devido ser uma enfermeira que teve sua Formação Superior na Escola Ana Nery - Rio de Janeiro-, e uma das primeiras professoras da Escola de Enfermagem da Paraíba.

Seguindo os passos da história oral, a entrevista inicial ocorreu de forma diretiva, utilizando-se o sistema de gravação, mediante autorização através de termo de consentimento livre e esclarecido, bem como foram respeitados os aspectos éticos, de acordo com a Resolução nº 196/96 (BRASIL, 1996), que trata de pesquisa em seres humanos. Da entrevista, houve a transcrição, a textualização e sua transcrição em plenitude. Em seguida, o material foi encaminhado à colaboradora, para se proceder a etapa de sua conferência, e autorização para apresentação e/ou publicação.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM NA PARAÍBA

Na Paraíba entre 1889 e 1930, destacamos, em saúde pública, o modelo campanhista-policial e o modelo médico-sanitário. O primeiro foi institucionalizado no início da década de 10 e o modelo médico-sanitário, começou a ser delineado em 1918, quando, segundo Sá (1999, p. 250), o Governo do Estado, obedecendo o Decreto nº 13.055, emitido pela Presidência da República, criou a Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural, através do Decreto Estadual nº 14.354. Esse modelo, para a autora, privilegiava a educação sanitária, caracterizando-se “por uma nova visão da relação entre a saúde e a sociedade.”

Nesse contexto, foi instalado em maio de 1921, o Posto de Saneamento Rural nos bairros de Jaguaribe e Tambaú, tendo sido favorecidas, também, cidades como Santa Rita, Guarabira e Areia, funcionando sob a forma de convênio com um órgão federal, através da atuação da Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural. Além da capital, onde foi criado o Hospital Oswaldo Cruz em 1922, constituído de 60 leitos, foram, também, fundados Postos de Assistência Médica em Bananeiras, Alagoa Nova, Itabaiana, Patos e Pocinhos (Nóbrega, 1979). Ao que parece, considerando-se o contexto geral, esses serviços estavam voltados para a assistência individual curativista.

Diz Nóbrega (1979, p. 68) que essa “comissão marcou um divisor de águas nos serviços de Saúde Pública da Paraíba”, com o dinamismo de suas ações, tanto no âmbito sanitário, quanto no âmbito hospitalar, com a implantação da esterilização autoclavada para o preparo dos instrumentais cirúrgicos e com a instalação de sala de cirurgia equipada, no Hospital Santa Isabel. De acordo com Oliveira (1968), a instalação da referida Comissão, tratou de reformar a organização sanitária local. Foi criado o Laboratório de Saúde Pública e iniciou-se o tratamento de doenças venéreas e da hanseníase, através da instalação de um dispensário.

Dessa forma, tratava-se do dispensário anti-venéreo, que fazia o serviço de profilaxia da hanseníase e das doenças venéreas. O dispensário era dirigido por: “dr. Elpidio de Almeida, especialista em dermatologia, (...) tinha como auxiliares os drs. Adhemar Londres e Genival Londres (assistentes), Arnobio Vianna escrevente; D. Mathilde Rossi (enfermeira), João Gouvêa, Ismael Lopes, Cícero Guedes e Otávio Ribeiro (enfermeiros) (ERA NOVA, 1922).”

Em se tratando de profissionais enfermeiros, assim denominados, na época, nem mesmo no Brasil existiam enfermeiros diplomados. Poderiam tais integrantes do dispensário serem reconhecidos popularmente como tais.

Entretanto, fica claro que o modelo médico-sanitário continuou existindo em conjunto com o modelo campanhista-policial. A exemplo, mencionamos o dispensário para atendimento de portadores de doenças infecto-contagiosas, como hanseníase e doenças venéreas, evidenciando a permanência do predomínio de idéias de controle e exclusão no referido modelo. Outro aspecto peculiar a essa situação diz respeito à Polícia de Foco, também chamada de Mata-mosquito, que atuava no combate aos insetos transmissores de doenças infecciosas,

principalmente da malária. O estilo policialesco também pode ser ilustrado pelo quadro de funcionários que compunha a Comissão de Higiene e Profilaxia Rural. Em sua direção encontrava-se o *dr. Plínio Espínola, sub inspetor rural, auxiliado por dois guardas chefes, sete capatazes e 48 serventes* (NOVA ERA, 1922).

O modelo médico-sanitário, na Paraíba, desenvolve-se por toda a década de 20. Lembramos que, nessa época, idéias de modernismo são acentuadas, e sobretudo, postas em prática. Sobre os anos 20, diz Araújo (1995, p.77-79): “Época de significativa urbanização – note-se a expressão arquitetônica, as obras de saneamento e rede elétrica, a arborização, a implantação de agências bancárias, linhas de bondes e de ônibus isto não só na capital, mas também noutros centros, a década de 20 é marcada por mudanças em muitos sentidos.”

A criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba em 1924, veio enfatizar o discurso da educação sanitária, principalmente no que tange às idéias de eugenia (Maciel, 1927).⁶

Em 1926, seguindo o exemplo da capital federal, foi criado na cidade da Parahyba, o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, coordenado por Flávio Maroja. Esse trabalho era realizado nas escolas e tinha como objetivo combater a ‘ignorância’ (Maroja, 1927). Gestado nos anos vinte, esse discurso adentra a década de 1930, determinando alterações relevantes no quadro sanitário do Estado.

É chegada a hora, portanto, de se investir na preparação de profissionais voltados para a prática sanitária. Para tanto, no Estado da Paraíba, a partir do resgate histórico realizado por Nóbrega (1979), a introdução do ensino de Enfermagem ocorreu com um curso intensivo para ‘adestramento’ teórico-prático de enfermeiras, conforme o Decreto municipal de 30 de junho de 1933, instituído na Diretoria de Assistência Pública. Dois anos após, foram preparadas as primeiras visitadoras sanitárias pelo Departamento Estadual de Saúde. Em seguida, foi criado o curso de Higiene e Puericultura em 1939. Em 1942, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, a Diretoria de Saúde da 7ª Região Militar e as autoridades sanitárias municipais e estaduais incubiram o médico Oscar de Castro de conduzir um curso de enfermeiras de emergência, visando à capacitação de profissionais para assistirem aos feridos, em caso de ataque inimigo, que foi concluído aproximadamente por trezentas mulheres.

Foi narrada, ainda por Nóbrega (1979), a existência de alguns cursos paralelos, realizados para se atender a necessidade de mão-de-obra para as instituições que eram criadas, como o Curso de Atendente de Enfermagem Hospitalar, fundado em 1944 por Janduy Carneiro, na Maternidade da Legião da Assistência, o que se repetiu por Napoleão Laureano em 1948, com a criação do Curso de Enfermagem Hospitalar São Cristóvão. No mesmo ano, surge o Curso de Enfermeiras Socorristas com duração de um ano, desenvolvido pela filial paraibana da Cruz Vermelha Brasileira, seguido pela instalação dos cursos de Puericultura, Obstetrícia e Enfermagem. Essas iniciativas da Cruz Vermelha

foram reconhecidas pelo Decreto Estadual Nº 185, de 23 de setembro de 1949, e referenciadas na Mensagem do governador Osvaldo Trigueiro, durante a abertura dos trabalhos da Assembléia Legislativa de 1950. Nessa ocasião, o governador ressaltou a importância da fundação de uma escola de nível superior em nosso meio, o que já vinha sendo cogitado pelas autoridades de

⁶ No discurso de Dr. José Maciel, na sessão inaugural da Semana Médica, organizada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, ocorrida de 3 a 9 de maio de 1927, pronunciou o vice-presidente da referida instituição as seguintes palavras: “A eugenia deve ser a estrela da medicina futura. Não vos enganeis com as supostas curas das moléstias infecto-contagiosas, que se reflectem nos meandros da hereditariedade e que infelicitam as crianças, embaladas no regaço materno. (...) Collegas: tudo pela pátria, tudo pela humanidade; e eu ainda direi: ‘tudo pela eugenia – a sciencia da transformação do homem.’”

Saúde Pública do Estado.

Observa-se que, até então, não existia na Paraíba um curso voltado para a formação de enfermeiros de nível superior, o que levou o governador da época, Oswaldo Albuquerque, a procurar suprir tal deficiência com a solicitação de uma escola dessa natureza, à ONU, que não foi atendida, embora tivessem sido implementados vários esforços nesse sentido.

Assim, apenas em 1953, foi fundada a Escola de Auxiliar de Enfermagem da Paraíba, destinada à formação de pessoas para o serviço de enfermagem (PARAÍBA, 1953). Essa escola, segundo *Nóbrega* (1979), foi criada por iniciativa do Dr. Lúcio de Vasconcelos Costa, Diretor Geral do Departamento Estadual de Saúde Pública e “surgiu da necessidade de atender (...) aos problemas sanitários que afligem a população nordestina”, conforme discurso da enfermeira *Kluppel* (1963, p. 1). Nesse contexto, foi estabelecido um corpo docente constituído pelas enfermeiras: Anna de Paula Barbosa, Rosa de Paula Barbosa, Irany Pontes Maciel, Aliete Soares Nóbrega, Elinor Aarão G. de Oliveira, Doralice Pinheiro Kluppel, Syther Medeiros de Oliveira Carneiro, ficando a direção a cargo da professora Rosa de Paula Barbosa (*Perez*, 1995).

Vale ressaltar que com o sancionamento do Decreto-Lei nº 1064, de 10 de julho de 1954 (PARAÍBA, 1954), foi criada a Escola de Enfermagem da Paraíba, passando assim, a Escola, a destinar-se, não só ao preparo de auxiliares de enfermagem, mas também à formação de enfermeiras de alto padrão. Dessa forma, em 1962, ocorreu a conclusão de curso da turma pioneira de enfermeiras, que era constituída por: Avanise Delgado, Francisca Dinoá Cabral, Margarida Rocha, Maria José Araújo, Alba Lins Pessoa, Enalda Moreira da Silva, Marilene Araújo do Nascimento e Vanilda Nunes Patrício. Essa escola teve no cargo de direção as enfermeiras Rosa de Paula Barbosa, Ana de Paula Barbosa e Doralice Kluppel, tendo, as três, realizado o curso básico na Escola Normal da Paraíba, e o superior na Escola Ana Nery, no Rio de Janeiro (*Nóbrega*, 1979).

Nesse contexto, o mesmo autor afirma que Doralice Kluppel teve suas atividades docentes voltadas para o curso de Visitadora Sanitária, do Departamento Nacional de Saúde Pública; Ana Paula dirigiu a seção de Enfermagem na Cruz Vermelha da Paraíba e o Centro de Puericultura de Cruz das Armas; Rosa de Paula executou atividades de chefia do Serviço de Enfermagem do Departamento de Saúde da Paraíba, fundou o Serviço de Visitadoras de Higiene Infantil e Pré-Escolar em 1931, e dirigiu a Escola de Auxiliares de Enfermagem e o Curso Superior da Paraíba, tendo lecionado as disciplinas: Introdução à Enfermagem, História da Enfermagem, Enfermagem Ortopédica e Ética de Enfermagem. Foi também autora de doze trabalhos técnicos.

Com a federalização das Universidades, em 1960, a Escola foi transformada em Curso, e, por ocasião da Reforma Cêntrica, ocorrida em 1973, o Curso de Enfermagem passou a fazer parte de um dos departamentos do Centro de Ciências da Saúde, onde funciona até o presente momento (*Perez et al.* 1995).

Além disso, em 1957, ocorreu a criação da Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat (EESER), dirigida pela religiosa da Ordem da Sagrada Família, Mere Almér du Bom Pasteur, na época também administradora do Hospital Santa Isabel. Sua turma pioneira colou grau em 1962, fazendo parte dela as seguintes conluíntes: Alair Espínola Gomes da Silva, Emília Alves Cordeiro, Irismar Carvalho Lôbo, Ismênia Menezes de Souza, Ivanice de Holanda Cunha, Maria Cristina Farias Montenegro, Maria da Glória Uchôa Barbosa, Maria de Lourdes Jorge de Sena, Maria Salete Pessoa Cavalcanti e Zuleide Pessoa Vasconcelos. A partir de 1963, passou a funcionar também, nesse estabelecimento, o Curso de Auxiliar de Enfermagem (*Nóbrega*, 1979).

Desse modo, compreende-se que a institucionalização do ensino da Enfermagem na Paraíba ocorreu na década de 1950, com a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem da Paraíba, de caráter público. Para resgatarmos o momento dessa institucionalização apresentamos a fala da Sra. Doralice Pinheiro Kluppel, enfermeira que compôs a equipe responsável pela

organização e funcionamento da Escola.

UMA VIAGEM AO PASSADO COM DORALICE KLUPPEL

Quando eu trabalhava no Departamento Estadual de Saúde, como auxiliar de escritório, conheci Nadir Coutinho, enfermeira paraibana que trabalhava no Distrito Federal, pela Divisão de Organização Sanitária. Ela havia sido designada para estruturar o Serviço de Enfermagem de Saúde Pública na cidade de João Pessoa, e atuava na educação sanitária a pedido do Departamento de Saúde Pública do Estado.

Durante os anos de 1936 e 1937, trabalhamos juntas, solidificando uma amizade. Eu a auxiliava na organização dos cursos de Visitadoras Sanitárias, preparando os pontos para a distribuição e assistindo as suas aulas. Este convívio foi despertando em mim o interesse pelo estudo da Enfermagem. Eu era bastante incentivada por Nadir, que afirmava que eu tinha vocação para enfermeira, dizendo acreditar no meu potencial. Após me convencer, ela escreveu para a Escola Ana Nery, solicitando minha matrícula no período letivo do ano de 1939.

A Escola Ana Nery foi criada pela Fundação Rockefeller e inicialmente todas as professoras eram enfermeiras americanas. O ensino, em parte, também era ministrado por professores médicos, que trabalhavam no Hospital São Francisco de Assis, campo de treinamento da Escola.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder, ele assinou um Decreto-lei proibindo a presença de estrangeiros na direção de escolas brasileiras. Foi aí que a Fundação Rockefeller retirou as enfermeiras americanas e a Escola, a partir de então, começou a passar por grandes dificuldades. Foi nesta época que ingressei. Tínhamos a primeira diretora brasileira e a manutenção da Escola passou, exclusivamente, para o âmbito federal, subordinada à Universidade do Brasil, passando a ser denominada de Escola Ana Nery da Universidade do Brasil, anteriormente conhecida por Escola de Enfermeiras Dona Ana Nery. A Escola tinha como objetivo atender o serviço de enfermagem hospitalar e de saúde pública, já que era a única existente no Brasil. Depois foram sendo criadas outras escolas, como a de Belo Horizonte, a de São Paulo e outras Universidades criaram as suas escolas de Enfermagem. Nesta época o número de enfermeiras diplomadas aumentou, mas não havia cursos de especializações, nem cursos afins. Então as enfermeiras brasileiras aperfeiçoavam-se nos Estados Unidos e retornavam à Ana Nery. Em seguida, surgiram as Escolas Estaduais de Enfermagem.

O curso da Escola Ana Nery tinha duração de três anos e era intensivo, tendo um período de férias de apenas quinze dias por ano. Durante o curso era estabelecido serviço de plantão, que constava de quinze noites seguidas, onde, em cada enfermaria ficava uma aluna sob a responsabilidade de uma supervisora. Quando saíamos do plantão, íamos para o internato repousar e assistir às aulas à tarde. As escalas eram feitas na secretaria da escola. Nós residíamos no internato, que ficava distante da escola, anexo ao Hospital São Francisco e tinha um ônibus que fazia o transporte diário do internato para o pavilhão de aulas. A Escola Ana Nery formava enfermeiras graduadas em Enfermagem Geral para atender às necessidades de todo o Brasil, sendo absorvidas pelo mercado de trabalho através de concursos públicos ou contratos. Eu mesma fiz concurso para o Ministério da Saúde.

Ao terminar o curso e retornar à Paraíba, o governador era Rui Carneiro e, como Diretor de Saúde Pública, tínhamos o Dr. Janduir Carneiro, o qual me contratou para trabalhar em saúde pública. Após um ano de trabalho no Estado, recebi um convite de Dr. Barros Barreto, diretor da Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Saúde, para ingressar naquela organização, com lotação na Delegacia Federal de Saúde da 5ª Região, na cidade de Recife. Entretanto, aceitei este cargo federal com a condição de não ser deslocada para outros Estados, o que na época era comum. Desse modo, consegui permanecer à disposição do Governo do Estado. Algum tempo depois, houve concurso público e eu fui efetivada no cargo e continuei

meu trabalho até a minha aposentadoria.

Com a criação da Escola de Enfermagem na Paraíba, fui convidada para integrar o quadro de professores, juntamente com D. Rosa de Paula Barbosa, D. Ana de Paula Barbosa e D. Irani Maciel. Inicialmente o curso era direcionado para a formação de auxiliares de enfermagem e tinha duração de dezoito meses. Após dois ou três anos, foi criado na Escola, o Curso de Graduação em Enfermagem. Mesmo com a criação do ensino de Graduação, a Escola manteve, por um certo tempo, paralelamente, a formação de auxiliares, continuando o seu funcionamento sob a responsabilidade do Estado. Com a incorporação à Universidade, foi gradualmente extinto o curso de Auxiliares de Enfermagem.

A Escola de Enfermagem funcionava na Avenida das Trincheiras, em frente à igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Posteriormente, Dr. Lúcio Costa, com recursos do Governo do Estado, construiu o prédio na esquina da Avenida Pedro II com a Diogo Velho, o qual foi destinado ao funcionamento da Escola.

Convém ressaltar a contribuição dada pelo Dr. Nilton Lacerda ao início do ensino de Enfermagem. Como era amigo da enfermeira D. Rosa, deu uma grande ajuda, colocando o seu hospital à disposição da escola para campo de treinamento das alunas. Ele admirava muito o trabalho da Enfermagem. Depois, a exemplo do que fizera Dr. Nilton Lacerda, outros hospitais abriram as suas portas para a Escola, o que veio contribuir para a melhoria do nível do serviço de enfermagem nos hospitais locais. O Hospital Santa Isabel foi quem menos contribuiu, pois com a criação da Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat, esse hospital servia como principal campo de estágio para as alunas da Santa Emília.

Outros campos de estágio para a enfermagem surgiram posteriormente. Com a criação do Campus Universitário, surgiu o Hospital Universitário. Também foi criado o Hospital Clementino Fraga, destinado ao atendimento dos portadores de doenças transmissíveis. Para este local as alunas eram acompanhadas por mim, que na época, era professora de Enfermagem de Saúde Pública e Doenças Transmissíveis.

A Escola de Auxiliares de Enfermagem foi criada por iniciativa do então diretor do Departamento de Saúde, Dr. Lúcio Costa, que atuou como incentivador e mediador junto ao Governador do Estado, Dr. José Américo de Almeida, resolvendo todos os problemas inerentes a mesma. O interesse de Lúcio Costa, que era sanitarista, quanto à criação da Escola, era fornecer pessoal habilitado para atuar na área de saúde, visto que ele deu ênfase à melhoria dos Postos de Saúde do Interior e dos Serviços de Educação Sanitária da capital, através do Serviço de Visitadoras Domiciliares.

Destaco ainda, o empenho de D. Rosa de Paula, como enfermeira com atuação no Centro de Saúde da capital, mantendo contato com a Escola Ana Nery e providenciando todo o dossiê necessário para a criação da Escola. Neste aspecto, recebemos, também, total apoio do governador do Estado.

Para ingressar na Escola, as candidatas tinham que se submeter a um processo seletivo - o vestibular. Naquela época, o mesmo era realizado separadamente, só passando a ser unificado algum tempo depois da federalização da Universidade. Com a unificação, o candidato tinha que, no momento da inscrição, fazer sua opção em relação ao curso desejado junto ao Departamento de Ciências Médicas, sendo a classificação feita por média de notas.

O funcionamento da Escola obedeceu em muito ao critério estabelecido na Ana Nery, mesmo porque todas as enfermeiras fundadoras foram formadas lá, com exceção da enfermeira Syther Medeiros, que estudou na Escola de Enfermagem de Recife.

Com relação ao quadro de professores, além das enfermeiras, existiam alguns médicos que eram pagos por aulas. Nós enfermeiras éramos contratadas ou nomeadas exclusivamente como professoras da Escola de Enfermagem da Paraíba.

As enfermeiras formadas passavam, em grande parte, a trabalhar na própria Escola para a manutenção do campo de trabalho no Hospital Universitário; outras eram empregadas pelo

Estado, onde ingressavam por concursos públicos. Além do Estado e da Escola, havia outras opções para as enfermeiras. Algumas iam para o Rio de Janeiro se especializar ou realizar cursos afins. Naquele tempo, havia muito mais campo de atuação do que hoje. Atualmente o mercado de trabalho está meio saturado, porque todas as escolas de enfermagem, anualmente, formam um contingente numeroso de enfermeiros e não há concursos públicos. Resta, portanto, o trabalho em hospitais particulares, onde recebem baixos salários.

Quando ainda não havia Escola de Enfermagem, aqui na Paraíba foi criado o Curso de Visitadoras Sanitárias. Esse curso tinha o objetivo de formar visitadoras para atuarem nos Postos de Saúde do Interior e nos Centros de Saúde da capital. Depois da criação da Escola, foi criado o Curso de Educação Sanitária, que constituía uma especialização para pessoas de nível superior. Com este curso as enfermeiras eram capacitadas como educadoras sanitárias. O Serviço de Educação Sanitária era muito bem organizado, ou seja, muito bem estruturado. Havia os guardas sanitários que eram chamados de polícia sanitária, responsáveis pelo policiamento de focos de doenças transmissíveis. Eles exigiam carteira de saúde de todos os manipuladores de gêneros alimentícios, até das barraqueiras que forneciam refrigerantes e bolos manipulados na hora. Para adquirir a carteira, o indivíduo tinha que se submeter a exame de fezes, radiografia pulmonar e exame físico. Esses exames eram realizados com o objetivo de se investigar alguma doença contagiosa de pele, principalmente a hanseníase.

As parteiras curiosas eram mantidas sob vigilância do serviço de saúde. Elas também tinham a sua carteira e recebiam orientação e materiais para que pudessem fazer o parto em casa e o primeiro curativo umbilical. Fui orientadora das curiosas neste sentido. Havia poucas maternidades (a única maternidade pública existente era a Cândida Vargas), por isso o número de atendimentos domiciliares realizados pelas parteiras era grande. Para a maternidade eram encaminhados apenas aqueles casos que elas não pudessem resolver.

Ao compararmos a situação de saúde do povo na Paraíba naquele tempo com a atual, observo que ela não era tão ruim. Apesar da assistência nunca ter sido total e sempre ter funcionado precariamente, o visitador encaminhava o doente para um Centro de Saúde e tinha certeza de que o doente seria atendido no mesmo dia, não existindo filas que começam de madrugada até a hora do atendimento, quando é realizado, fato comum nos dias atuais.

Naquele tempo, o doente sentava-se na sala de espera e a atendente distribuía os números por ordem de chegada, de acordo com a quantidade de pessoas que estavam aguardando a consulta. O médico atendia o doente e preenchia sua ficha. Caso houvesse necessidade de visita sanitária, mandava a ficha ou notificação para o serviço de enfermagem. De posse da ficha, a visitadora fazia o seu roteiro, incluindo as pessoas que estavam precisando de orientação e de acompanhamento.

Naquela época, o controle de doenças transmissíveis funcionava no Serviço de Epidemiologia do Estado e ocupava também um pavilhão existente em Jaguaribe, visto que as doenças transmissíveis eram de notificação compulsória. Uma vez notificada a doença, era enviada uma visitadora ao domicílio do doente, para verificar se ali havia condições de se montar um isolamento. Quando isto não era possível, ela encaminhava o doente à hospitalização no pavilhão próximo ao Hospital Clementino Fraga, em Jaguaribe. Competia ao Serviço de Epidemiologia providenciar os exames de diagnóstico, visitação e vacinação dos comunicantes e outras medidas cabíveis, bem como os exames de libertação até a alta do paciente.

Como estou afastada, há vários anos, não tenho conhecimento do funcionamento dos serviços da saúde hoje. As informações que tenho são obtidas através dos meios de comunicação. Naquele período a atuação da Fundação SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) no interior gozava de um ótimo conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui esboçamos, munidas de desafios e limitações, parte da história da Enfermagem na Paraíba, um terreno ainda muito pouco visitado. Esperamos ter contribuído para a audácia dos que venham a se arvorar e a nos dizer mais sobre o passado de nossa profissão. Em todo caso, cremos ter dito, auxiliadas pela preciosa memória de D. Doralice Kluppel, que o ensino de Enfermagem na Paraíba se institucionalizou sob os auspícios do modelo médico-sanitário.

Nós, autoras, ao realizarmos este estudo, empreendemos uma verdadeira viagem ao passado. Cada documento lido e cada frase de D. Doralice faziam-nos imaginar estar revivendo uma seqüência de acontecimentos ocorridos, mas que agora estão espalhados através de documentos e memória, cuja estrutura dependia unicamente de nossa infante habilidade. Vários momentos foram significativos na elaboração deste trabalho, dentre os quais, o da entrevista com a Sra. Doralice Kluppel, pois fez-nos desabrochar um sentimento de valorização e respeito ao trabalho desenvolvido pelas precursoras do ensino da profissão em nosso Estado. A elas, e principalmente a D. Doralice Kluppel, o nosso reconhecido agradecimento.

ABSTRACT: The purpose of this study was to carry out an historical rescue of the institutionalization of nursing education as it occurred in Paraíba. Due to the lack of written information on this subject, the authors carried out the research relying on primary and secondary oral sources. The authors verified that the institutionalization of nursing education in Paraíba occurred in the 1950's, period in which the so-called medical-sanitary model was in vogue at public health services. Among the many significant moments of the study, the authors highlight an interview with Mrs. Doralice Kluppel, a nurse which participated in the team of teachers which established the first School of Nursing in Paraíba, for she brings out feelings of worth and respect for the work carried out by this group of forerunners in nursing education in Paraíba.

KEYWORDS: public health nursing, nursing education, nursing in Paraíba

RESUMEN: El estudio tiene como objetivo rescatar el proceso de institucionalización de la enseñanza de Enfermería en Paraíba. Debido a la escasez de informaciones sobre el asunto, la construcción de este estudio resulta de investigación en fuentes primarias y secundarias que se han apoyado, principalmente, en la historia oral temática. Constatamos que la institucionalización de la enseñanza de Enfermería fue en 1950, cuando el modelo técnico-asistencial de salud pública vigente se llamaba "modelo médico-sanitario/sanitarista." Entre los varios momentos significativos de este estudio destacamos el de la entrevista con Doralice Kluppel, enfermera integrante del equipo que actuó en la estructuración de la primera Escuela de Enfermería de Paraíba, pues nos hizo renacer un sentimiento de valorización y respeto al trabajo desarrollado por las precursoras de la enseñanza de enfermería en Paraíba.

PALABRAS CLAVE: enfermería de la salud pública, enseñanza de enfermería, enfermería en Paraíba

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. A Parahyba na efervescência dos anos vinte. *Rev. Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, João Pessoa, v. 27, p. 77-79, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética e Pesquisa – CONEP. *Resolução nº 196/96, sobre pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, 1996. 24p.

ERA NOVA. Saneamento na Parayba. Parayba do Norte, [s.p.], 1922. Edição do Centenário da Independência.

KLUPPEL, D. P. *Histórico da Escola de Auxiliar de Enfermagem da Paraíba*. [João Pessoa]: UFPB/ Escola de Enfermagem, 1963. 5p.

MACIEL, J. Educação Sanitária. In: SEMANA MÉDICA, 1927, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Imprensa Oficial do Estado da Paraíba, 1927.

MAROJA, F. Educação Sanitária. In: SEMANA MÉDICA. Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba. 3 –9 de maio de 1927. Imprensa Oficial. Parahyba. 1927. p. 7-12.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996. 78p.

NÓBREGA, H. *As raízes das ciências da saúde na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979. 372p.

OLIVEIRA, O. G. Coisas e loisas na história da medicina Paraibana. *Rev. Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, João Pessoa, n. 16, p. 107, set. 1968.

PARAÍBA. Lei n.º 875, de 21 de janeiro de 1953. Cria a Escola de Auxiliares de Enfermagem da Paraíba. *Diário Oficial do Estado*, João Pessoa, 26 jan. 1953.

PARAÍBA. Decreto n.º 1.064, de 10 de julho de 1954. Cria a Escola de Enfermagem da Paraíba. *Diário Oficial do Estado*, João Pessoa, 10 jul. 1954.

PEREZ, V. L. A. et al. Retrospectiva histórica do curso de habilitação de auxiliar de enfermagem. *Rev. CCS – UFPB, Paraíba*, p.17-18, dez. 1995. Edição Comemorativa dos 20 anos.

SÁ, L. D. *Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios*. O Serviço de Higiene Pública, 1895-1918. 1999. 291p. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Recebido em outubro de 2000
Aprovado em dezembro de 2000